D.ª JOANA

A CASA NA ROCHA.



Dedicado à minha amada esposa Sheila
e meus filhos Filipe e Davi.

PREFÁCIO

Há quem diga que a História é feita por grandes nomes – líderes, reis, generais. Mas a verdade é que o mundo é moldado, dia após dia, por pessoas comuns. E é por isso que este livro é tão especial.

Em "D.ª Joana – A Casa na Rocha", encontramos o retrato de uma mulher que não ocupou manchetes de jornais, não virou celebridade e, ainda assim, construiu um legado. Sua história não é a de uma heroína clássica, mas a de alguém que, com força inabalável e gestos silenciosos, mudou o mundo ao seu redor.

Joana Rodrigues Damásio nasceu em 1931, em Brejo da Onça, zona rural de Goiás. Filha de um trabalhador pardo de ascendência escravizada e de uma mulher branca de olhos negros, cresceu em uma casa de pau-a-pique em meio a desafios que pareciam intransponíveis. Mas foi ali que aprendeu a enxergar na educação um caminho para transformar não só a própria vida, mas a de muitos. Seu primeiro contato com os livros aconteceu por acaso, quando um médico lhe prometeu um exemplar em troca da sua coragem para tomar uma vacina. Aquele pequeno gesto marcou o início de uma trajetória dedicada ao conhecimento e ao ensino. Antes mesmo de concluir seus próprios estudos, ela já ensinava crianças da vizinhança debaixo de uma árvore no quintal de casa. A paixão pelo ensino.

Desde cedo, Joana enfrentou as limitações impostas pela época. Em um Brasil onde se esperava que as mulheres fossem, acima de tudo, esposas e mães, ela se tornou professora, gestora, líder comunitária. Casada aos 16 anos, precisou equilibrar a vida familiar com o desejo de ensinar – e o fez sem jamais renunciar à sua vocação.

Sua maior força talvez estivesse na forma silenciosa e firme com que enfrentava os desafios. Em casa, lidou com um marido criado numa tradição patriarcal que nem sempre compreendia sua dedicação à escola e à comunidade. Mas Joana, evitando confrontos diretos, provou, pelo tempo e pelo exemplo, que a sua missão era maior do que qualquer obstáculo. Seu desejo, registrado em seus escritos, parece ter sido deixar um legado de serviço e aprendizado. E deixou.

O autor desta biografia nos conduz por essa jornada com sensibilidade e precisão. Sem julgamentos anacrônicos, ele nos convida a enxergar D.ª Joana como ela foi: humana, complexa, cheia de contradições e virtudes. O texto não tenta idealizá-la, mas nos faz compreender o contexto de sua vida, os desafios enfrentados e a glória que existe na persistência cotidiana.

D.ª Joana não mudou o mundo com discursos inflamados ou gestos obtusos. Ela mudou o mundo de cada aluno que ensinou e das pessoas que inspirou. A grandeza, afinal, não precisa de palcos ou holofotes.

Que este livro inspire aqueles que o lerem. Que nos lembre do poder da educação, da resistência silenciosa e do impacto que podemos ter nos atos mais simples.

Boa leitura.

Waewell, Viktor J. T., Belo Horizonte, janeiro de 2025.

[...] O mestre com sua mão firme encontra pautas invisíveis no amplo quadro-negro, mas o aluno quando a ele é chamado pega o giz quase trêmulo porque vai assumir uma responsabilidade perante a classe. Verifica-se então que a tarefa do mestre é grandiosa naquela posição. É o quadro-negro um simples retângulo de madeira, cimento e massa, mas que vela o progresso da humanidade, é a alma da escola, fiel companheiro junto ao qual envelhece o professor, gastando suas energias para o bem de uma pátria inteira.

Joana Rodrigues Gonçalves.

Sou aquela mulher
a quem o tempo
muito ensinou.
Ensinou a amar a vida.
Não desistir da luta.
Recomeçar na derrota.
Renunciar as palavras e pensamentos negativos.
Acreditar nos valores humanos.
Ser otimista.

Creio numa força imanente
que vai ligando a família humana
numa corrente luminosa
de fraternidade universal.
Creio na solidariedade humana.
Creio na superação dos erros
e angústias do presente.

Acredito nos moços.
Exalto sua confiança,
generosidade e idealismo.
Creio nos milagres da ciência
e na descoberta de uma profilaxia
futura dos erros e violências do presente.

Aprendi que mais vale lutar
Do que recolher dinheiro fácil.
Antes acreditar do que duvidar.

– Ana Lins dos Guimarães Peixoto (Cora Coralina).

INTRODUÇÃO.

Alguns defendem que é possível medir a grandeza de uma pessoa pela influência que ela exerce sobre outras. Sendo assim, Napoleão Bonaparte, Abraham Lincoln, Getúlio Vargas, Alexandre o Grande, Adolf Hitler, Joana Darc, Jesus Cristo, Marie Curie, Mahatma Gandhi e tantos outros são considerados grandes figuras históricas, pois influenciaram a vida de milhões, quer para o bem ou para o mal. O Positivismo Histórico se encarrega de destacar os grandes heróis, líderes e figuras proeminentes, sendo, portanto, um dos métodos utilizados na historiografia para se contar a História. No entanto, também é dever do historiador demonstrar a importância de pessoas ditas comuns no curso histórico, e nesse tocante outro método historiográfico é a Historiografia Local. Ela é uma ferramenta importante para tornar a história uma ciência significativa e interligada à realidade das pessoas comuns e ao seu dia-dia. É muito mais fácil um jovem se comparar a uma pessoa histórica de sua própria comunidade do que a um herói, líder ou figurão nacional. Porém, mesmo que a personagem histórica seja uma figura local, isso não quer dizer que não possa ser considerada de grande relevância, vai depender, outra vez, da influência que ela exerceu.

Dentre todas as profissões existentes, uma das que mais influência vidas é a do professor. Em um desses vídeos virais da

internet o grande filósofo Mário Sergio Cortella exemplifica perfeitamente esse fato. Ele destaca que, “ao estar passeando em algum lugar ninguém chama o outro como “dentista”, “padeiro” ou “advogado”, porém o professor pode estar em qualquer lugar que de vez em quando vai ouvir, “professor”, “professora” a senhora lembra de mim?!! e prossegue, um dia o senhor falou algo que mudou a minha vida, ou mesmo diz, a senhora não vai acreditar, mas hoje eu sou professora por sua causa.” Pergunte para qualquer professor que ele lhe responderá que não existem palavras para descrever como isso é gratificante. De modo que essa obra além de ser a biografia de alguém excepcional é também uma justa homenagem a todos aqueles que exercem essa honrada profissão. Portanto a querida professora D.ª Joana, por ter influenciado a vida de incontáveis pessoas, se credencia como um excelente exemplo de objeto de estudo da Historiografia Local e deve ser sempre lembrada com méritos entre a sua comunidade.

Passadas três décadas do fechamento de sua escola, a maioria dos habitantes de Rialma e Ceres desconhecem a história de sua proprietária e muito menos a importância do seu legado. Foi uma tarefa árdua, ainda que prazerosa, encontrar aqueles que pudessem contribuir e justificar através de seus relatos e experiências a relevância da nossa personagem em suas vidas.

As entrevistas e histórias aqui descritas não seguiram um critério de categorização de importância, aliás, quando se trata de

histórias de vida, não se pode fazer tal categorização. Elas estão aqui devido a detalhes técnicos facilitadores ou delimitadores, como as circunstâncias favoráveis de pesquisas, da proximidade com a família, com a facilidade de acesso às informações, mas principalmente graças à generosidade daqueles que, em vários casos, se dispuseram mais de uma vez a dedicar tempo, energia e esforço em horas de entrevistas e conversas enriquecedoras.

Além disso grande proporção dos fatos relatados por D.ª Joana no seu caderno de memórias são sobre o período tenro da sua vida. As entrevistas realizadas para a escrita dessa obra também foram baseadas nas memórias desses. Por isso se faz mister entender os meandros dela. Existem inúmeros artigos que nos ajudam a compreender o funcionamento da memória. Realizei várias pesquisas para melhor trabalhar com esse tipo de fonte. Para efeito de exemplo citarei apenas alguns: Por que idosos lembram mais do passado? [1], Falsas memorias: o que são e como se formam?[2], e o artigo A Consistência das Memórias da Infância[3].

A memória é parte fundamental no estudo histórico, embora com ressalvas que valem ser destacadas. Ao entrevistar ou tomar conhecimento de relatos pessoais sobre o passado, é

[1] https://metodosupera.com.br/por-que-idosos-lembram-mais-do-passado/

[2] https://institutodepsiquiatriapr.com.br/blog/falsas-memorias-o-que-sao-e-como-se-formam/

[3] Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra, realizado no âmbito do projeto PTDC/PSI-PED/104849/2008, disponível em SciELO Brasil - A Consistência das Memórias da Infância

necessário cuidado, pois, além do fato em si, cada pessoa tem sua visão particular dos acontecimentos, que com o tempo vão ganhando significados e contornos diferentes. Acrescentado a isso, o cérebro seleciona aquilo que considera mais relevante e guarda na memória de longo prazo, enevoando o restante.

Outra situação comum é o que a ciência chama de "falsas memórias", isto é, considerar como memórias pessoais, fatos, opiniões e traumas recentes, misturando-os com lembranças do passado. Além disso, faz parte desse processo considerarmos ser nossa memória aquilo que outros nos relataram, uma fotografia vista ou algo lido por aí. Sendo assim, em algumas situações descritas nesse livro, embora use técnicas que minimizam essas discrepâncias, me ressalvo o direito de algumas imprecisões ou pontos de vistas diferentes. De modo que quando um fato envolver relatos históricos mais abrangentes, destacarei se existem outras fontes para corroborá-lo ou se ele foi obtido exclusivamente das memórias particular de alguém.

Será por meio dessas experiências, histórias e relatos que poderemos comprovar que o desejo de D.ª Joana de deixar um legado que lhe desse orgulho e honrasse a Deus foi alcançado.

Para entender essa influência começo relatando um episódio pessoal.

A ideia de escrever um livro sempre permeou minha mente. Porém ela só começou a tornar realidade após criar um perfil sobre livros no Instagram em 2021. Um amigo conhecendo o perfil, aproveitou o intervalo de uma partida de futebol que jogávamos e me perguntou: "Glaucio, como você desenvolveu o gosto pela leitura?". Respondi que foram os exemplos que recebi em casa, tanto de minha mãe, com suas leituras religiosas, quanto de meu pai, leitor voraz, principalmente de obras não fictícias. Nesse momento lembrei de um acontecimento importante que envolveu livros, a escola que eu havia estudado na infância, a professora da classe e principalmente uma senhora chamada Joana que influenciou radicalmente o meu gosto pela leitura e pelo estudo em geral. Essa história foi motriz da escrita dessa biografia por isso decidi que começaria por ela.

D.ª Joana era a proprietária da Escola João Wesley de Oliveira onde estudei do jardim a quarta série, ela priorizava a leitura com muita veemência desde cedo. Por isso o que passarei a relatar embora tenha ocorrido primariamente com sua filha Suni, que também era professora, é inteiramente ligado a D.ª Joana pois não havia nada que ocorria naquela escola que não houvesse a ciência dela. Ela conhecia cada palmo de chão daquele lugar, sabia direitinho como era cada aluno e de tudo o que acontecia ali. Às vezes chegávamos em casa desconfiados procurando o melhor jeito de contar sobre algo que havia acontecido na escola para

nossos pais, porém para nossa surpresa eles já haviam sido informados por ela, não sei como ela fazia isso sem internet nem whatsapp, era assombroso.

O ano era 1986. Eu fazia a 4ª série e tinha por volta de 10 anos de idade. A professora era a saudosa tia Suni, senhora de meia idade com temperamento amigável, sempre sorridente, porém disciplinadora e exigente. Costumava deixar de castigo no cantinho da sala aqueles que não se comportavam. Os filhos dela eram meus amigos, sendo que o Leo era grande rival nas brigas de rua. Embora brigássemos de manhã, já estávamos brincando à tarde. Era realmente hilário.

Tia Suni seguia a técnica pedagógica implementada por D.ª Joana de designar um livro para leitura e apresentação do resumo pelo aluno, valendo parte da nota do bimestre. Naquele ano, o livro escolhido foi Cazuza, de Viriato Correia.

A obra de Viriato é excelente, retrata de certa forma a vida do próprio autor, sendo dividida em três partes. A primeira narra a vida de Cazuza em um pequeno povoado, registrando o cotidiano simples e rude com ênfase nas tradições nordestinas. A segunda trata de sua vida em uma vila pouco maior que o povoado anterior, mas já com novidades que não contemplaria no campo. A terceira e última parte descrevia por fim sua vida na capital do Maranhão, São Luís, assim como o grande impacto que foi viver

na cidade grande. O livro Cazuza é considerado um clássico da literatura infantil.

Os meus colegas ficaram entusiasmados com o livro, algo que não ocorreu comigo. Para entender o motivo, é necessário descrever um pouco as minhas origens e que tipo de criança eu era.

Meu pai se chama Elizeu Rodrigues Cerqueira, um homem de pele clara, de baixa estatura, que aos 40 anos de idade já começava a ver os cabelos pretos ficarem grisalhos. Muito rígido com as responsabilidades escolares. Filho de um baiano nascido em Juazeiro, que trabalhou muito tempo como garimpeiro. Minha avó Ana, Nanoca, cuidou dos filhos com diligência e carinho. Ela era uma amante da leitura, sendo que eu rotineiramente a encontrava lendo um livro.

Recordo de quando me deitava com a cabeça em seu colo. Com uma mão ela segurava o livro. Com a outra, fazia um cafuné até eu adormecer. Ela trabalhou duro para formar dois filhos médicos, porém meu pai não teve a mesma sorte, pois quando chegou a sua vez, ela pegou tuberculose e precisou ficar em isolamento durante dois anos.

Criado por parentes, ele sofreu bastante e sua oportunidade de progredir nos estudos se perderam. Mas felizmente desenvolveu um excelente hábito de leitura, o que viria

a ser uma ótima influência sobre mim. Já casado, tornou-se funcionário público, primeiro como contador e depois como oficial de justiça na cidade de Ceres.

Minha mãe nasceu na cidade de Jaraguá, parda, cabelos bem pretos que demoraram a ficarem grisalhos, de baixa estatura e magra. Meus avós maternos eram analfabetos, a vovó Geralda, uma senhora muito branca de olhos azuis, casou-se com o Sr. Deusdete (Dete), um homem negro que vivia do trabalho na roça.

Embora minha mãe fosse filha de analfabetos, sempre gostou de estudar e chegou a fazer o antigo magistério, curso que lhe permitia exercer a profissão de professora, o que infelizmente nunca pôde fazer. Com essa formação, mesmo sendo dona de casa, ela me ajudou a ter uma bagagem antes de entrar na escola. Sempre gostou de ler, principalmente publicações religiosas, algo que ela incutiu em mim desde a primeira infância.

Nasci dessa bela mistura, um menino branco, de olhos claros, com cabelos loiros, mas também com sangue negro. No entanto minhas características mais marcantes derivam de uma personalidade forte. Era uma criança inquieta, desafiadora, curiosa, argumentativa, de opinião firme e de comportamento custoso, como dizemos aqui em Goiás se referindo as crianças travessas.

Uma característica marcante que percebo em mim é a de defender até a exaustão o meu ponto de vista. É difícil me convencer de que estou errado, porém quando isso acontece abraço a nova ideia com mesmo fervor. Assim, desde criança, debatia com qualquer adulto sobre vários assuntos, dando opiniões e sendo inflexível.

Com essa personalidade forte, quando comecei a ler o livro designado pela professora, considerei-o chato, infantil e enfadonho, na verdade detestei a história, decidi que de forma nenhuma iria lê-lo. Nesse impasse, a professora não se mostrou autoritária e, a meu ver, lidou de forma magistral com a situação. Ela me chamou até a sua mesa e disse "bom Glaucio, se você não gostou do livro pode escolher outro, só não deixe de fazer o resumo". Achei uma maravilha e me senti orgulhoso e respeitado. Chegando em casa fui direto para a estante do meu pai e olhando as capas dos livros escolhi aquela que mais me chamou atenção.

O livro escolhido tinha em sua capa o rosto de uma bela mulher de cabelos negros e curtos, com olhar triste e distante, havia também três símbolos que me chamaram muito atenção, desejei saber o que significavam. Eram a estrela de Davi, a foice e o martelo e a suástica. Era um livro de tamanho médio, mas a quantidade de folhas não me assustou e o título revelava o nome daquela mulher de olhar triste, "Olga", era uma biografia escrita

pelo respeitadíssimo e talentoso escritor Fernando Morais sobre a vida de Olga Benário Prestes.

No outro dia cheguei todo animado à escola, tirei o livro da mochila e corri para mostrá-lo a professora. Surpresa, a primeira reação dela foi me perguntar "onde você conseguiu esse livro?", pois ela sabia que ele continha uma história pesada, envolvendo assuntos políticos profundos, perseguição, prisão, tortura, nazismo e extermínio. Lembrando, eu tinha 10 anos de idade. Ainda assim, seguindo a orientação de sua mãe, D.ª Joana, sabiamente não me censurou e calmamente acrescentou, "antes de começar a ler, gostaria de conversar com seu pai primeiro, pede para ele vir aqui amanhã". Pensando em retrospecto, creio que a preocupação era válida, pois, além das características citadas acima, estávamos em 1986, acabávamos de sair do regime ditatorial, mas ainda vivíamos sobre essa sombra tenebrosa e o livro contava a história de uma comunista treinada no exército vermelho russo.

No outro dia, ao apresentar suas preocupações ao meu pai, ela, explicou que havia autorizado eu a escolher outro livro para ler e que não gostaria de voltar atrás nisso, mas que a decisão final era dele.

Lembro com clareza a atitude do meu pai. Ele me encarou. "Vai ler o livro até o final? Fará o resumo pedido?" Respondi que

sim, pois a situação já me aguçara ainda mais a curiosidade. Então, ele voltou-se para a professora. “Pode deixá-lo ler”.

Essa postura educacional revela algo excepcional, pois mesmo hoje não é comum nas escolas que os professores se comportem assim, é mais certo que não se permita aos alunos escolherem qual livro desejam ler, no máximo é dada uma lista de opções. Foi louvável a atitude e, por sinal, fortaleceu meu interesse e amor pela leitura, especificamente minha paixão por biografias. Assim quando surgiu o desejo de escrever o meu próprio livro, não tive dúvidas, teria que ser uma biografia. Mas a grande questão: sobre quem?

Relembrando esses e muitos outros acontecimentos ocorridos na escola da D.ª Joana que deixaram marcas profundas em minha vida e de muitos outros da nossa comunidade, não tive mais dúvidas, ela seria a personagem desta biografia.

D.ª Joana era uma senhora parda, tendo em sua ascendência paterna pessoas que foram escravizadas, sendo de origem pobre e humilde do interior do estado de Goiás. Viveu numa época em que o racismo e a misoginia, fruto do sistema patriarcal e racista, imperava de forma mais dura na sociedade brasileira, principalmente no interior do país onde a valorização das mulheres e noções de consciência negra ainda engatinhavam.